

*confiança*

Distante tanto do banal como do excêntrico, seu talento era tal que conquistava a crença do grande público e o interesse admirador e instantâneo dos mais exigentes. Assim, já desde moço obrigado por todos os lados à realização — e precisamente a extraordinária — nunca conhecera a ociosidade, nunca a despreocupada negligência da juventude. Quando, aos trinta e cinco anos, adoeceu em Viena, um perspicaz observador manifestou sobre ele, numa sociedade: “Veja, Aschenbach sempre viveu assim” — e o orador fechou os dedos de sua mão esquerda em punho —; “nunca assim” — e deixou pender a mão aberta, comodamente, do encosto da cadeira. Isto era verdade; e o corajoso-decoroso era, que sua natureza, de constituição nada robusta, era apenas destinada ao constante esforço e não nascida para ele.

*de*

Cuidados médicos excluíram o menino da frequência de uma escola e lhe impunham o ensino em casa. Só, sem companheiros, crescera e, no entanto, cedo tivera de compreender, que pertencia a uma geração na qual não o talento mas sim a base física era uma raridade, — uma geração que cedo dava o que tinha de melhor e no qual o saber raras vezes atingia idade. Mas a sua palavra favorita era “perseverança”, — via no seu romance Frederico, nada mais que uma apoteose desta palavra de comando que lhe parecia a essência de virtude sofredora-ativa. Também desejava ardentemente ficar velho, pois sempre achara que, a realmente grande, envolvente, sim, realmente honrada arte, só podia ser chamada aquela à qual era

*angulo*

dado ser fecunda em todos os graus característicos do homem.

Como então queria levar as tarefas, com as quais seu talento o carregava, sobre frágeis ombros, e ir longe, necessitava altamente de disciplina, — e disciplina por sorte era sua herança nata por parte de pai. Aos quarenta, aos cinquenta anos, como numa idade na qual outros esbanjam, entusiasmam, adiam confiantes a execução de grandes planos, começava cedo o seu dia, entornando água fria sobre o peito e as costas e depois, colocando um par de velas de cêra à cabeça do manuscrito, ofertava as forças que reunira no sono, em duas ou três fervorosamente escrupulosas horas matinais, como sacrifício à arte. Era perdoável, sim, significava bem a vitória de sua moralidade, quando ignorantes consideravam o mundo Maja ou as massas épicas nas quais se desenrolava a vida heróica de Frederico, como a produção de força concisa de um longo fôlego quando, no entanto, eram dispostas em camadas até a grandeza por pequenas tarefas diárias de centenas de inspirações singulares, e só por isso eram tão excelentes em cada ponto porque seu criador, com uma força de vontade e tenacidade, comparável àquela que conquistara sua província natal, durante anos, resistindo à tensão de uma e mesma obra, dedicara à produção própria e exclusivamente suas mais fortes e dignas horas.

Para que um produto espiritual consiga exercer, imediatamente, um efeito profundo, é preciso existir uma afinidade, uma concordância mesmo, entre o